

Antropologia Psicanalítica

Gostaria em algumas linhas de comentar sobre a vereda de pesquisa, da qual faço parte no momento presente, cuja pedra fundamental encontra-se nos textos de interesse sócio/antropológicos, e, sobretudo na experiência freudiana de dedicar as descobertas da psicanálise às ciências do espírito (Geisteswissenschaften). Experiência essa que encontra na transmissão do desejo freudiano a base de seus estudos na Universidade Paris VII, junto ao departamento de *Psicanálise, Clínica do corpo e Cultura*.

Vereda que se inaugura com a travessia freudiana de reencontrar, naquilo que ele alcunhou como a origem mítica da cultura, o ponto de intersecção entre o inverso do social e a vida psíquica tal qual vivenciada na clínica da neurose. É com tamanha ambição que Freud se lança nos estudos antropológicos a desvendar aquilo que se instalava como ponto cego às teorias sociológicas, a saber, a passagem do estado de natureza ao estado de cultura.

Referimo-nos à experiência freudiana como bastião desse percurso, pois sem dúvida quando Freud nos faz a ressalva de que o emprego do termo, *inconsciente coletivo*, não se trataria de uma mera redundância, *ipso facto*, ele demarca a clínica da neurose como lente pela qual seu saber se funda. O lugar desde onde se interpreta a cultura. Isto é, quando o neurótico se reporta ao psicanalista, através da constituição de um sintoma, ele questiona a própria cultura ao trazer sua verdade singular como retorno de uma incógnita oriunda de nenhum outro lugar, senão o próprio social. A recapitulação da ontogênese pela filogênese se apresenta como o fio das investigações traçadas.

O ponto de partida no terreno de pesquisas apresenta-se ao indagarmos o mal-estar enquanto conjuntura estrutural da cultura, ou seja, enquanto retorno crônico e insistente do Real que funda nossas instituições. Como bem sabemos isso se traduz para Freud no parricídio mitológico do Pai da horda primeva e na conseqüente renúncia pulsional dos irmãos, a fim de estabelecer os tabus necessários para manutenção da vida em comunidade. O mal-estar aqui é intrínseco ao desenvolvimento da civilização, o que justifica a renúncia de Freud em distinguir Kultur e Civilization.

A cultura se estabelece dessa forma como espaço inevitável de desacordo entre os irmãos, espaço sobre as quais inúmeras instituições vêm alçar-se ao lugar ordenador da função paterna. É desde esse ponto que a psicanálise pode interpelar as ciências sociais, trazendo sua contribuição sobre a condição de possibilidade do laço social entre os cidadãos. Posição imbricada na cultura, uma vez que a psicanálise enquanto efeito da neurose emerge como testemunha do não-lugar de desamparo do sujeito.

Uma Antropologia Psicanalítica, em sua contribuição mais rica, propõe a identificação e análise das diversas modulações ou montagens sociais em torno daquilo que constitui o tecido social de uma época. Ela põe-se, de certa forma, na contramão de certas tendências espetaculares de identificar transformações inéditas na relação do sujeito com o Desejo. Tomando o corpo obrigatoriamente como superfície de inscrição e recorte da cultura, uma Antropologia Psicanalítica retoma as montagens sociais, visíveis ou não, a luz da dinâmica pulsional que as possibilita e engendra.

As diversas faces da violência urbana, as variadas marcas e rituais corporais, as controvérsias e querelas transculturais, seus efeitos no que é público, suas repercussões nos discursos políticos, a condição do feminino e do masculino são enfim sintomas sociais da contemporaneidade. Marcas do real que retorna incessantemente sobre o ponto de fundação da cultura, e não cessa de se inscrever no tecido de nosso tempo.

A parceria com Lacan se anuncia aqui de forma patente, mesmo que este tenha expressamente desaconselhado qualquer tipo de Antropologia da Psicanálise; tendo em vista que a expressão Antropos poderia não dar conta da divisão sexual fundamental na qual se erige a experiência psicanalítica. O desenvolvimento do conceito do Outro, enquanto campo que empresta os significantes necessários a essa articulação do sujeito na trilha do desejo, e da metáfora paterna, enquanto excesso significativo que permite que esta trilha ponha-se em movimento é parte inextrincável e fundamental nas pesquisas levadas a cabo por aqui.

A pesquisa se organiza, portanto, de forma a transcrever certas organizações daquilo que é estranhamente familiar em nossa vivência cotidiana, preocupando-se em indagar quais possibilidades temos para pensar o futuro dentro da conjuntura que a experiência freudiana nos oferece. Para tanto, novas ferramentas se anunciam dentro de nosso horizonte e um diálogo com outros terrenos de pesquisa se impõe como condição de novas invenções.

Até a próxima,

Alexei (integrante do grupo)